

RELAÇÕES CULTURAIS BRASIL-FRANÇA NAS CRÔNICAS DE BRITO BROCA: A ENTREVISTA COM ÉMILE ZOLA, 1898

Ronaldo Guimarães Galvão (FOC-SP)¹

Resumo: Buscando mostrar os andaimes da criação textual do jornalista José Brito Broca, este artigo propõe a leitura de uma de suas crônicas literárias, em que se coteja um artigo do cronista, publicado em 1952, com o relato da entrevista a Émile Zola, de Tobias Monteiro, feito após sua visita a Paris, em 1898.

Palavras-chave: crônica literária; Brito Broca; relações Brasil-França; vida literária.

Introdução

Gênero de difícil classificação, que oscilou sempre entre a literatura e o jornalismo, a crônica apresenta, dentre outros, um fator que talvez a ajude ainda mais a ser um caso peculiar dentre os gêneros narrativos modernos: a sua permissividade temática. A partir deste ponto, poderemos lançar nossa visão a grandes distâncias que esse gênero conseguiu percorrer. São inúmeros os assuntos tratados dentro dela: o futebol, as cidades, as relações entre os cidadãos e as cidades, a crítica ao governo, o objeto esquecido, o objeto encontrado, a demolição da loja, o aniversário da criança pobre etc. O tom que assume também é outro ponto digno de observação, depende da maestria do autor. Mas, sobretudo, o que fica dela é o fugaz que a vida apresenta ao ser humano. Aquilo que nos escapa, as pequenas pulsações de vida a que nem

¹ Professor nas Faculdades Oswaldo Cruz (SP). Mestre em Letras (Língua e Literatura Francesa) pela Universidade de São Paulo. E-mail: ronaldogalvao@usp.br.

sempre damos a devida atenção. E há ainda aqueles que dizem que se trata de um gênero menor (ou que menores seriam seus praticantes).

De carona na liberdade temática que a crônica oferece, destaca-se o papel de Brito Broca, o nosso brasileiro conhecido *cronista da vida literária*. A alcunha não caberia melhor a alguém que dedicou tantas horas de seu tempo em pesquisas sobre os mais variados autores, livros e *causos* da vida literária brasileira e estrangeira. As conclusões, apontamentos e referências encontradas viravam logo matérias jornalísticas, revestidas segundo os moldes das próprias crônicas que publicou por muitos anos em periódicos de São Paulo e Rio de Janeiro. Assim, temos a contribuição de Brito Broca para a crônica brasileira: o exame de alguns aspectos do mundo literário, “comportando o panorama da época mas também o retrato dos escritores e a avaliação justa dos textos”, como bem lembra Antonio Candido (1981: 7). Ainda segundo o crítico,

Nos dois sentidos da palavra, o português e o francês, ele [Brito Broca] foi um “conhecedor”, isto é, um sabedor preciso e um apreciador requintado de biografia, história, edições, estilos, miudezas, – extraindo de uma informação invariavelmente segura na sua incrível amplitude uma visão equilibrada, correta e discretamente apaixonada pelos textos e os autores (1981: 7).

Caracterizando o trabalho do jornalista, Candido ainda destaca o gosto de Brito Broca pela interpretação com base na personalidade dos escritores, algo que já começava a sair de moda, ou “voltando discretamente com outros nomes e critérios renovados” (Candido 1981: 7). Para o professor e crítico literário, aspectos como esses seriam tão importantes como a preocupação com o contexto social, o que o leva a considerar que “o texto como construção linguística, mesmo sendo o fulcro não é tudo para a curiosidade do crítico e sobretudo do leitor” (1981: 8).

As únicas ressalvas de Antonio Candido recaem sobre a omissão analítica do cronista e à falta de indicação das fontes consultadas. Ao mesmo tempo, entretanto, em que observa essas questões, Candido já sai em defesa de Brito Broca, afirmando que isso seria “apenas tributo à elegância ensaística de uma exposição que quer ser o mais aliviada possível de qualquer exibicionismo” (Candido 1981: 8).

Neste sentido, são válidas as considerações de Silviano Santiago que, observando as condições em que os artigos do cronista foram produzidos, afirma que a “mais séria e equivocada objeção que se pode fazer ao trabalho crítico de Brito Broca é a de que falta à sua descrição, apreciação ou avaliação da obra literária, certa sistematicidade, característica esta básica da crítica de militância universitária” (Santiago 1983: 9).

Santiago, desse modo, atribui essa falta ao meio de divulgação que o cronista utilizou (suplementos literários ou revistas culturais), à linguagem exigida por esse meio (estilo jornalístico) e ao tipo de leitura dispensada ao jornal (leitura ocasional, em diagonal). Defende também a ideia de que esses três fatores não são comuns dentro da tradição moderna da literatura, para a qual o livro, afirma ele, ainda é sinônimo de qualidade especulativa. O pensamento do cronista apresentava-se de

“forma despedaçada” (Santiago 1983: 9) em razão da publicação periódica de seu trabalho, bem como ao curto espaço dedicado a ele nos jornais em que escrevia.

Outra peculiaridade destacada por Santiago consiste no fato de que Broca serviu-se da crônica para tecer parte de sua obra. Lembrando que a efemeridade é um traço caracterizador desse gênero, considera que somente com um trabalho sério de pesquisa é que o cronista conseguiu fazer com que sua obra permanecesse viva nos dias de hoje. Dessa forma, ainda com Santiago, vemos que

Meio, estilo e leitura são pouco propícios a um trabalho de fôlego e risco dentro da tradição moderna da literatura. Esta, em geral, nas suas obras de mais rendimento estético, eficácia social ou pertinência crítico-interpretativa, tem recorrido necessariamente ao livro – e ao estilo, composição e leitura dele decorrentes. Se meio, estilo e leitura são pouco propícios à alta qualidade da especulação, isto não quer dizer que foram barreiras intransponíveis para Brito Broca. Pelo contrário. (1983: 9)

Santiago se refere aqui ao processo fragmentador ao qual Broca teria submetido seu trabalho, que, tendo como suporte a crônica e seu meio de divulgação o jornal, foge ao exercício da exegese de obras literárias dentro das páginas do livro. Silviano Santiago acredita que é possível observar a postura crítica de Brito Broca quando lemos seus artigos seguidamente, e não de forma segmentada. É isso, pois, que o faz ao comparar os textos produzidos pelo cronista sobre a postura política de Machado de Assis em períodos diferentes da vida do autor, examinando o salto qualitativo e a coerência de seus textos, que, segundo Santiago, retira-o do universo inútil dos descartáveis na medida em que percorre sequencialmente suas crônicas.

É com base nas considerações feitas até aqui, e tomando como referência as relações culturais entre o Brasil e a França que tanto figuraram como tema central dos textos de Brito Broca, que o presente artigo se propõe a realizar a leitura de uma das crônicas desse jornalista que muito fez pela divulgação da literatura, brasileira ou estrangeira, em nosso país. Para tanto, foi necessário recorrer a outras fontes com o intuito de complementar o que na crônica ficou subentendido. Dessa forma, o artigo segue, na reconstrução da visita de Tobias Monteiro ao escritor Zola, apoiando-se tanto na crônica de Broca como no próprio relato feito pelo intelectual em visita à Europa, cuidando para que tanto o fato relatado quanto o seu modo de apreensão fossem considerados.

Um brasileiro finalmente entrevista Zola

Inicialmente publicada no periódico carioca *A Manhã*, em 8 de junho de 1952, a crônica “Quando um escritor brasileiro entrevistou Zola”, de José Brito Broca (1904-1961), é mais um dos pontos de referência na obra desse jornalista que muito contribuiu para a investigação entre as relações culturais entre o Brasil e a França durante o final do século XIX e início do XX. Esse artigo foi, posteriormente – e como tantos e em outros livros –, acolhido em *Naturalistas, parnasianos e decadistas* (1991),

um dos volumes do projeto “Obras reunidas”, idealizado pelo então professor da Unicamp, Alexandre Eulálio.

O artigo faz um pequeno balanço das relações entre escritores brasileiros e europeus. Logo no início do texto, o leitor depara-se com uma série de questionamentos feitos por Broca acerca dos escritores brasileiros que estiveram na Europa, mas que nunca deixaram relatados seus possíveis contatos com escritores daquele continente:

Não pode deixar de nos merecer reparo o fato dos escritores brasileiros que viajaram ou residiram na Europa não nos terem deixado depoimentos sobre os seus possíveis contactos com escritores europeus. Será presumir-se que esses contactos, na maioria dos casos, não se verificaram e que um Gonçalves Dias ou um Odorico Mendes, permanecendo tanto tempo na Europa, principalmente em Paris, não procuraram aproximar-se de um Lamartine, de um Sainte-Beuve? (Broca 1991: 166-7)

O cronista chega a essa conclusão com base na correspondência do próprio Gonçalves Dias, que tanto tempo por lá permaneceu, sobretudo em Paris. Vale destacar ainda que a crônica em questão é mais uma das tantas em que Broca se queixa da falta de aproximação por parte dos brasileiros de intelectuais franceses, que, no período em questão, eram referências diretas para o Brasil.

O segundo caso apontado nesse artigo trata da entrevista de Brito Broca a Gilberto Amado, na qual este lhe relata, após a leitura do livro de um memorialista francês, a história da amizade entre Balzac e o Conselheiro Pereira da Silva, historiador da *Formação do Império Brasileiro*, que estudou em Paris. Sobre a fonte de tal episódio, Broca diz que Gilberto Amado não a teria mais, tornando-lhe, portanto, impossível conferir a referência. Broca informa ainda ao leitor que, numa de suas releituras, encontrou o relato deste possível acontecimento no livro *Evolução da Prosa Brasileira*, de Agripino Grieco, mas que, assim como acontecera a Gilberto Amado, não fazia alusão à fonte.

É justamente essa falta de informação no que diz respeito à origem do episódio que faz com que Brito Broca estranhe o fato do próprio Pereira da Silva não ter deixado nada registrado sobre o ocorrido. De acordo com o cronista, Pereira da Silva havia publicado um livro de reminiscências, *Memórias do meu tempo*, no qual o caso de sua amizade com Balzac não é mencionado em nenhum de seus capítulos. Para Broca, isso lhe soa estranho, uma vez que se tratava de um contato com um ilustre escritor francês.

Dando continuidade ao tema, a crônica prossegue. Broca fala agora da carta de Lamartine a José de Alencar. Aquele procurava obter no Brasil assinaturas para a obra *Cours Familier de Littérature*, como alternativa para seus problemas financeiros, mas, segundo Broca, quando Alencar chega a visitar Paris, Lamartine já havia falecido. O próximo é Joaquim Nabuco que, segundo ele, é uma espécie de marco sobre as notícias de contatos pessoais entre escritores do Brasil e da França. Em *Minha Formação*, Broca encontra relatos dos encontros que Nabuco teve com Renan e George Sand, durante sua primeira viagem à Europa.

Depois de Joaquim Nabuco, o cronista segue para Artur de Oliveira, o escritor agráfico, como ele mesmo já sugerira em um artigo publicado em 1951, também em *A Manhã*. Descreve sucintamente o envolvimento de Oliveira com figuras francesas como Victor Hugo, Théophile Gautier e l'Isle Adam; informações colhidas, segundo Broca, nas rápidas referências que o autor deixou registradas em cartas.

Outro escritor tratado nessa pequena investigação do cronista é Olavo Bilac, que, em 1891, foi para a França como enviado especial do jornal *Gazeta de Notícias*. De acordo com o cronista, era a primeira vez que um jornal enviava um correspondente à Europa. No entanto, quase 10 anos mais tarde, numa crônica publicada no *Boletim da Associação Brasileira de Imprensa*, de setembro de 1961, e que também integra *Naturalistas, parnasianos e decadistas*, Broca afirma que o primeiro correspondente do Brasil na Europa foi França Júnior, a pedido de Ferreira Araújo, que há pouco havia fundado a já referida *Gazeta de Notícias*. Desse modo, depreende-se que este teria sido verdadeiramente o primeiro brasileiro enviado à Europa com a missão de manter o país informado sobre o que se passava na capital francesa, e não Bilac, como ele próprio havia dito na crônica que se investiga. França Junior viajou para lá em maio de 1878 para conferir de perto a inauguração da Exposição Internacional de Paris.

Ainda sobre Bilac, Broca parece indignar-se com o fato de, em pleno auge do Naturalismo no Brasil, o poeta não ter se empenhado em realizar uma entrevista com Zola. O cronista, que investiga o caso a fundo, pesquisando nos numerosos artigos de Bilac durante o período em que o poeta trabalhou para a *Gazeta de Notícias* ou mesmo para outros jornais e revistas, conclui que Bilac não teria travado qualquer tipo de relação não só com Zola, como também não teve nenhum encontro com algum outro escritor francês célebre na época. Dessa forma, a entrevista com Zola fica a cargo de Tobias Monteiro, e Broca a deixa para o fim de sua crônica.

Em 1898, quando a comitiva do presidente Campos Sales partia para uma visita à Europa, Tobias Monteiro, jornalista e historiador, promete entrevistar Zola. De acordo com Broca, seria o primeiro contato de um brasileiro com esse escritor que havia se tornado duplamente célebre, dada sua participação no caso Dreyfus. O *Jornal do Commercio* foi o veículo pelo qual Monteiro expôs seu relato. Em sua crônica, Broca nos diz que o primeiro encontro dos dois havia se dado no gabinete de Yves Guyot, diretor político do *Le Siècle* e amigo de Zola. No entanto, alegando outros compromissos, o romancista e o jornalista acabaram por adiar o encontro.

De fato, Broca é muito preciso nas informações que deseja repassar a seu público, pois a leitura que realiza dos artigos de Monteiro é justamente para rastrear seus passos na direção de Zola. Assim, em *O presidente Campos Salles na Europa*, obra em que são agrupados os artigos enviados pelo jornalista Tobias Monteiro da Europa para o *Jornal do Commercio*, mais precisamente nos capítulos intitulados "Visitas proveitosas" e "Entrevista com Sr. Zola", encontramos as informações que Broca nos mostra em sua crônica juntamente com outras por ele ignoradas, mas nem por isso menos consideráveis.

Dentre as visitas proveitosas citadas por Tobias Monteiro, estão registrados os encontros com Hannotaux (Ministro das Relações Exteriores), Felix Faure (Chefe de Estado da França), Henri Germain (presidente do banco Crédit Lyonnais) e Yves Guyot (diretor do jornal *Le Siècle*). À exceção da última, todas as outras visitas foram

feitas em companhia de Campos Salles. Neste capítulo, entretanto, Monteiro tem outro objetivo:

Já disse o que tem feito o Sr. Campos Sales; devo agora dizer o que procuro colher de especial para os leitores, no curto tempo roubado à minha missão particular. Quando parti do Rio, prometi ao diretor do *Jornal* que faria o possível para ter uma entrevista com o Sr. Zola, tão admirado hoje do mundo inteiro, pela grandeza das suas criações literárias como pela inteireza moral consagrada à questão Dreyfus. (Monteiro 1983: 72)

É a partir desse momento que Tobias Monteiro nos relata como foi sua trajetória antes da entrevista com Zola. O jornalista, então, logo que chega a Paris, consegue ser apresentado ao Sr. Yves Guyot, ex-deputado e ex-Ministro das Obras Públicas, atual diretor político do *Le Siècle* e, principalmente, amigo íntimo de Zola. Tobias Monteiro nos dá um pequeno quadro da figura de Yves Guyot e de como este conseguiu lhe proporcionar o seu primeiro encontro com o escritor de *L'Assomoir*. Segundo Monteiro, Guyot lhe havia informado que Zola sempre o visitava às seis e quarenta e cinco da tarde. Dessa forma, à hora estimada, ele teve seu primeiro contato com o escritor.

Confirmando o que nos diz Brito Broca em sua crônica, esse primeiro encontro entre Monteiro e Zola serviu apenas para que adiassem a entrevista, uma vez que ambos se encontravam em condições desfavoráveis para uma conversa maior. Tobias Monteiro porque seguiria no dia seguinte para Londres, na sua missão de acompanhar Campos Salles, e Zola porque se encontrava tomado por seus afazeres. No entanto, em seu artigo, Tobias Monteiro nos relata o modo amável pelo qual foi recepcionado por Zola e das cartas que este havia recebido do Brasil cumprimentando-o por sua atuação no caso Dreyfus. Monteiro aproveita a oportunidade para mostrar a Guyot e a Zola um número do *Jornal do Commercio*, cuja primeira página era quase toda destinada a esse caso. Os dois homens impressionam-se com as proporções do jornal brasileiro, com as variedades dos assuntos tratados nele e a abundância dos anúncios, alegando só haver na Inglaterra e nos Estados Unidos diários como aquele.

Tendo ficado para depois a conversa com o romancista francês, Monteiro retoma seu encontro com Guyot e a conversa que teve com ele sobre o Brasil. Broca, como já dissemos, priva seus leitores de pormenores como este em detrimento de seu objeto, qual seja, a entrevista com Zola. No entanto, não deixa de ser precioso para os estudiosos das relações Brasil-França alguns pontos tratados nesse artigo.

O tema da conversa entre Tobias Monteiro e o Sr. Guyot gira em torno dos aspectos financeiros e econômicos do Brasil. Monteiro informa a Guyot os progressos do individualismo contra o socialismo do Estado, mostra como a necessidade de achar aplicação para as novas emissões de papel-moeda havia desenvolvido o espírito protecionista de indústrias precoces e, ainda sobre protecionismo, chama a atenção dele para o exagero com que a França tributava o nosso café, enquanto no Brasil já se começava a bradar contra essa atitude. Yves Guyot demonstra apoio a essas ponderações de Tobias Monteiro e o convida para escrever um ou mais artigos

no *Le Siècle*, para que seus leitores sejam informados desses fatos, de tanto interesse para a sua escola política. Monteiro agradece ao convite e informa Guyot que, no Brasil, Américo Werneck havia escrito alguns artigos apoiados em seu trabalho *Trois ans au Ministère des Travaux Publics*.

Outro ponto que desperta a atenção no artigo de Tobias Monteiro diz respeito à queda nas exportações do café. De acordo com ele, o produto brasileiro entre 1894 e 1895 produzia £ 28.000.000, entre 1895 e 1896 rendia £ 21.250.000, e entre 1897 e 1898 dava apenas £ 12.687.500. Com base nesses valores, Monteiro lembra, em seu artigo, que o Brasil poderia aproveitar a exposição de Paris em 1900 para fazer alguma coisa em benefício do consumo do café brasileiro na Europa. Adverte que se o Estado não pudesse custear a exposição, os fazendeiros, os comissários, os ensacadores e os exportadores poderiam formar uma associação poderosa e pedir que o governo solicitasse um local para a exposição do nosso café. De acordo com Monteiro, esse empenho faria com que milhões de visitantes vissem toda a evolução dos processos para o uso do café e se assegurassem da autenticidade e da qualidade de nosso produto. Segundo ele, melhor oportunidade não teria nosso país, haja vista que Paris seria o ponto de encontro de populações de todo o mundo durante a exposição.

A ideia de Tobias Monteiro, fosse pela falta de interesse ou pela ousadia (ele imaginou, por meio do cinematógrafo, exibirem grandes vistas de fazendas com cafezais e dependências), acabou sendo deixada de lado, como se depreende ao fim desse seu artigo.

Como afirma o próprio Broca, a entrevista com Émile Zola ocorre logo após o retorno de Tobias Monteiro de Londres. Escrito em 24 de junho de 1898, o artigo compõe o oitavo capítulo do livro de Monteiro, e se intitula “Entrevista com o Sr. Zola”.

A conversa ocorre efetivamente na residência do próprio escritor, à Rue Bruxelles 21, onde, segundo Broca, depois de sua condenação, “a fachada amanhecia diariamente coberta de flores e de imundices”. Essas manifestações refletiam as opiniões de seus admiradores e de seus inimigos ante o caso Dreyfus, afirma o cronista.

Broca chama a atenção para o modo como o escritor recebe Tobias Monteiro: “com trajes com que saíra do quarto de dormir” (Broca 1991: 169); e também para a referência que Tobias faz à decoração do interior da casa de Zola: um grande número de quadros pela parede, indicando que ali morava um “cultor da arte” (grifos do autor). Entretanto, verifica-se uma grande riqueza de detalhes na descrição feita por Monteiro tanto no que concerne ao escritor quanto à sua residência. Evidentemente, devido ao espaço limitado do jornal, Broca procura não se prender tanto a esses detalhes, que, nesse caso, são pouco relevantes para seu texto. Dessa forma, o cronista parte logo para alguns pontos da entrevista que lhe são mais instigantes.

Temas como a reforma do ensino feita pelo governo francês e o caso Dreyfus são tratados por Zola a pedido do jornalista brasileiro. Brito Broca prefere não relatar os detalhes das respostas do escritor francês sobre o caso Dreyfus por acreditar que essa discussão não interessaria a seus leitores, visto que o assunto havia se dado em 1894. Em contrapartida, em seu artigo, Monteiro nos relata o pensamento de Zola sobre a campanha começada por Edmond Demolins, que foi seguida por Jules Lemaitre, contra a educação francesa. Assim, Zola, segundo Monteiro, ignorava esse

movimento reformista e acreditava que a influência exercida pela França em todo o mundo vinha sobretudo da sua língua, da sua literatura, e que, portanto, não havia necessidade de submeter a nação ao aprendizado de outros idiomas. Ao contrário, segundo o romancista, convinha desenvolver o seu idioma cada vez mais, para que, com a riqueza de suas letras, se conseguisse torná-lo indispensável aos outros povos.

Essa pequena discussão acaba levando Zola a dirigir algumas perguntas a Tobias Monteiro acerca de sua viagem e da organização do *Jornal do Commercio*, a folha brasileira pela qual o romancista havia mostrado grande interesse desde o primeiro encontro com o jornalista. Segundo o romancista, os jornais franceses não tinham o hábito de veicular anúncios como os ingleses ou os americanos; segundo o escritor, esse comportamento prejudicava o comércio e encarecia a imprensa. A conversa, segundo se depreende, prossegue até o ponto em que Monteiro nos relata que, em sua viagem a Londres, despertou-lhe a atenção o grande número de anúncios espalhados pela cidade: estações, bondes, degraus de escadas, andaimes, tapumes, todos aproveitados para esse fim. Ao contrário do que se via na França.

Tobias Monteiro começa então a falar da Inglaterra e aproveita o ensejo para introduzir o tema que mais lhe interessava: a intervenção de Zola na questão Dreyfus. É importante salientar que estamos em 1898, ou seja, há quatro anos do julgamento do capitão Dreyfus pelo conselho de guerra e há poucos meses da publicação da carta de Zola, *J'accuse*, em Paris pelo jornal *L'Aurore*. Neste artigo, o romancista defendia o capitão de artilharia do Estado-Maior Alfred Dreyfus, descendente de judeus alsacianos, da acusação de ser o autor de uma carta (o *bordereau*) que transmitia informações sobre recursos e planos de defesa do Exército francês ao adido militar alemão em Paris, major Schwartzkoppen. Tanto a condenação de Dreyfus quanto a carta de Zola causaram muitas polêmicas no cenário sócio-político da França daquele período. Até mesmo entre os brasileiros, que, desde a publicação da carta de Ruy Barbosa em janeiro de 1895 pelo *Jornal do Commercio*, tanto se debruçaram sobre as notícias sobre *l'affaire Dreyfus*. É por essa razão que Monteiro credita grande valor ao assunto, tratando de registrar as palavras de uma figura como Zola, que tanto se envolveu no episódio.

Confirmando as palavras de Brito Broca, Zola se achava na Itália produzindo seu romance *Roma* quando teve a notícia da condenação de Dreyfus. Entretanto, ao contrário do que se depreende da leitura de Broca, o escritor confessa a Monteiro que o caso, inicialmente, não lhe chamou a atenção, tamanha era sua dedicação ao livro. Recordar-se apenas que, ao ouvir falar do ato de degradação pelo qual passara o capitão de artilharia, sentiu na alma de romancista a beleza trágica daquela cena que teria gostado de descrever. Somente depois, quando toma conhecimento efetivo do caso e das provas que inocentavam Dreyfus, é que decide escrever a respeito. Monteiro ouve ainda do escritor que, durante esse período, quase toda a França se voltou contra ele, movida por forte paixão patriótica.

Broca, em sua crônica, procura não se estender muito na questão Dreyfus, e a encerra antes mesmo de introduzir qualquer detalhe dessa parte da entrevista, alegando o fato de que o caso não interessaria ao leitor de seu tempo, uma vez que já estariam disponíveis várias biografias de Zola para a realização de uma pesquisa dessa natureza. Dessa forma, verificamos a precisão do recorte feito pelo cronista

para continuar seguindo as pegadas que o levarão ao que lhe interessa realmente, a Literatura.

Dentro desse tema, ou seja, a Literatura, Broca busca no artigo de Monteiro informações para seus leitores sobre um novo livro que o romancista francês pensava em escrever na época. Na verdade, trata-se de *Fecondité*, sobre o qual lemos:

Passando para a Literatura, Tobias pede desculpa pela indiscrição de jornalista, mas desejava saber se Zola não pretendia escrever um novo romance. Depois de procurar furtar-se à declaração, o escritor acaba dizendo que tencionava tratar do importante problema do decréscimo de natalidade na França. E esse romance, como se sabe Zola o escreveu: intitula-se *Fecondité*. (Broca 1991: 170)

Neste trecho, é importante destacar a habilidade de cronista que Brito Broca possui; escolhe com tal precisão as palavras que vão compor seu texto que consegue, com fidelidade, o efeito de enxugamento da informação que buscou sem nenhum prejuízo para o leitor e para o próprio espaço do jornal que será destinado à sua crônica. Observemos a fonte de Broca, como ilustração à nossa hipótese:

[...] por fim ele revelou-me o seu propósito de estudar a grave questão da diminuição dos nascimentos em França, que tanto preocupa os higienistas e os estadistas. Procurará expor a imoralidade desse fato e levantar contra os seus autores a indignação do país. Depois estudará a questão do aleitamento. Principalmente com a preocupação de poupem-se, as mães em geral não alimentam bastante os filhos ou entregam-nos à indústria das amas-de-leite. Em consequência da nutrição incompleta, os vícios de infância minam os organismos novos e preparam o enfraquecimento da nação. (Monteiro 1983: 108)

Como se pode observar, o texto em que Broca se orienta para compor sua crônica traz outras informações a respeito de um romance de Zola. No entanto, não lhe escapa o essencial, ou seja, o nome e o tema da obra.

Talvez o próprio Broca desconhecesse, pois possivelmente teria tratado de divulgar, mas, de acordo com uma nota de rodapé presente na edição usada para este trabalho, verifica-se que Tobias Monteiro teria sido o primeiro jornalista a divulgar o novo romance de Zola, em 25 de junho de 1898, data da publicação do artigo no *Jornal do Commercio*. A imprensa francesa, segundo consta, tomaria conhecimento da obra somente muitos meses depois, em 1899.

Outra questão levantada por Tobias Monteiro e que Broca apreende em seu texto é sobre o fato de Zola servir-se do que há de ruim na sociedade para produzir seus romances. Assim, temos:

[...] Tobias não perde a ocasião de referir-se ao que se diz a respeito do romancista: de preferir sempre retratar o que há de mau na sociedade. Nunca teve a preocupação de escolher assuntos chocantes – responde

Zola. Todo seu empenho era servir à verdade e à justiça. (Broca 1991: 170)

Consultando mais uma vez a fonte de Broca, verificamos que ele se apropria do próprio texto de Tobias Monteiro para prosseguir sua investigação:

Respondeu-me prontamente que nunca teve o propósito de escolher assuntos chocantes. Todo o seu empenho era servir à verdade e à justiça, e para isso colhia os temas onde a sua observação os surpreendia e quando a imaginação por eles se inflamava. (Monteiro 1983: 109)

Aqui, como é evidente, o cronista serve-se da própria construção de sua fonte para retirar o que lhe é proveitoso. Entretanto, o que nos indaga neste trabalho é de onde o cronista teria retirado outras informações que permeiam seu texto, pois, se ao contrário de Monteiro, que segue para suas considerações finais, Broca introduz um novo fato, ou, como ele próprio chama, um parênteses antes de encerrar sua crônica?

O fato novo que nos chama a atenção, e que o cronista deixa para o final de seu texto, trata-se do livro de um médico francês, Dr. Laupt, *Perversions et Perversités Sexuelles*. Nele, Broca encontra a reprodução da confidência de um homossexual que havia sido enviada inicialmente a Zola. Ao que parece, o romancista não a considerou como tema para uma possível obra, pois contava com a certeza de que seria outro escândalo envolvendo seu nome e, por isso, enviou o manuscrito para o Dr. Laupt, que o soube aproveitar. Broca, então, finaliza esse pormenor, colhido possivelmente numa de suas leituras, dizendo que somente Proust, muitos anos depois, teria tido a coragem de penetrar nesse “terreno escabroso” (Broca 1991: 170) e, assim, o cronista fecha o parênteses e encerra seu artigo, registrando que Tobias Monteiro havia se encantado “com a simplicidade e as maneiras acolhedoras de Zola” (170).

Tal atitude nos levar a pensar que Broca se posiciona frente ao texto como um habilidoso jogador, que aguarda o melhor momento para dar a última cartada. Ou talvez seja mais do que isso. Podemos pensar que suas crônicas lhe serviam como pontos de referência para algo de maior fôlego, como um livro em que poderia desenvolver melhor o tema, anteriormente tratado em forma de artigo, ou que ainda este poderia lhe servir como complemento de uma informação. É bem o que ocorre em *A vida literária no Brasil – 1900*, quando o cronista nos relata:

[...] os escritores brasileiros que iam ao Velho Mundo não se preocupavam em abordar os grandes vultos das letras europeias. Se porventura vinham a conhecer alguns deles, como no caso de Artur de Oliveira que frequentou Victor Hugo e Théophile Gautier – nem de longe se lembravam de entrevistá-los. Em 1981, quando Bilac foi pela primeira vez a Paris, como representante da *Cidade do Rio*, o naturalismo estava em pleno apogeu no Brasil, onde Zola era considerado uma divindade para muita gente. Não passaria, pois, pela cabeça do poeta entrevistar o autor de *Nana*? Nas suas

correspondências na referida folha não encontramos nenhum sinal da ideia. Mais tarde, Valentim Magalhães em excursão pela Europa anunciaria o projeto de uma entrevista com Zola, que não se realizou. Só em 1898, em correspondência para o *Jornal do Commercio*, Tobias Monteiro nos daria conta de uma palestra com o pai do naturalismo. (Broca 2005: 321-2)

Como bem podemos observar, as considerações de Brito Broca aqui possivelmente são fruto da pesquisa que realizou a fim de investigar os primeiros contatos dos intelectuais brasileiros com os intelectuais franceses. A crônica era seu ponto de partida, o seu estopim investigativo.

Nesse sentido, deve-se observar que, ao menos em parte, a crítica genética pode contribuir para a abordagem de seus textos uma vez que a metodologia trazida por ela se pauta nos processos de criação do escritor. Se dissemos ao menos em parte é porque, de início, esse tipo de crítica toma como referência o manuscrito, o que não se aplica ao nosso caso. No entanto, ela também pode considerar materiais diversos dentro de sua análise, como correspondências, textos editados, reedições, produções eletrônicas etc. De qualquer forma, ela nos permite compreender melhor o que, por exemplo, acima procurou-se destacar: as opções do cronista no momento da construção de seu texto, bem como a reutilização de parte dessas informações em *A vida literária no Brasil*. No caso específico de Brito Broca, as origens de suas fontes de pesquisa já foram alvo de algumas críticas, pois nem sempre elas, as fontes, vinham explícitas em seus textos. Muito se atribuiu a essa falha (se assim a considerarmos) o tipo de suporte a que sempre os submeteu – o jornal –, além, evidentemente, do próprio gênero – a crônica – que, embora possa acomodar uma infinidade de temas, não combina com a sisudez que podem concorrer as citações e as referências bibliográficas, como nos artigos científicos, dado o seu tom mais circunstancial e leve.

Observando os processos de criação na escritura, Philippe Willemart afirma que o futuro ordena o passado. Segundo ele, a “filiação ou a intertextualidade entre os documentos do escritor não é uma filiação de pai para filho, como se a obra publicada fosse gerada pelo escritor” (2009: 62). A filiação ou a intertextualidade existem de frente para trás já que, por exemplo, a correspondência do escritor e seus rascunhos “constituem o antes que é ordenado pelo futuro do texto publicado” (2009: 62), assim como o quadro e a melodia geram os esboços, os ensaios etc. O mesmo tipo de ocorrência, afirma o crítico, deveria ser encarado pelo pesquisador e sua produção, ou seja, “o presente regula o passado e não o contrário” (2009: 62). Desse modo, a investigação de Brito Broca a respeito da entrevista a Zola constitui o esboço daquilo que seria o seu presente, como nos ilustra Willemart:

A intertextualidade não será somente a comunicação entre dois textos que se copiam, retomando uma ideia um do outro, ou a transmigração de um texto para outro, ou a influência de um texto em outro, mas terá nova hierarquia, estabelecida entre dois ou vários textos, na qual o último se apropriou dos anteriores, estabelecendo outra compreensão. Proust escreveu em dois livros, *Jean Santeuil* e *Contre Sainte-Beuve*, um esboço de romance que nunca publicou. No *Em*

Busca do Tempo Perdido, as situações são várias vezes as mesmas e as personagens, embora com nomes diferentes, reaparecem. Mas é esse último livro que ordena os primeiros e permite entender os processos de criação do narrador. (Willemart 2009: 62-3)

Embora o fragmento se refira à constituição de um romance e considere o processo de criação de seu narrador, não se pode negar que o trabalho de Brito Broca possa ser comparado com o que acabamos de apontar. Assim, ainda que essa ordem não tenha se concretizado como o próprio cronista talvez previsse ou imaginasse, visto que não chegou de fato a produzir nenhuma obra² cuja reunião de artigos desse conta da vida literária dos escritores franceses mais expressivos segundo suas convicções, quando se estabelece uma unidade temática diante de seus textos, é possível verificar a insistência com que trata das relações culturais entre o Brasil e a França, o que, para um leitor mais atento, pode refletir seu desejo de reunir material para a elaboração de uma obra de voo mais longo, capaz de comportar os primeiros contatos entre brasileiros e franceses dentro do processo de intercâmbio entre as duas culturas, bem como os desdobramentos dessa proximidade.

Ainda segundo Willemart, “o texto publicado ou o quadro dão uma lógica de leitura aos manuscritos ou aos esboços, inserindo o leitor na interpretação” (2009: 64). Em outras palavras, o livro que não foi, posto que não chegou a existir, certamente foi o que ordenou os processos de criação de Brito Broca e nos permitiu esta leitura.

CULTURAL RELATIONSHIP BETWEEN BRAZIL AND FRANCE IN THE CHRONICLES OF BRITO BROCA: INTERVIEW WITH ÉMILE ZOLA, 1898

Abstract: This article seeks to present the foundations of the journalist José Brito Broca's textual creation, by proposing an analysis of one of his literary chronicles, in which Broca confronts an article published in 1952 to Tobias Monteiro's report of his interview to Emile Zola published in 1898 after his visit to Paris.

Keywords: literary chronicle; Brito Broca; relationship Brazil-France; literary life.

REFERÊNCIAS

BROCA, J. B. Quando um escritor brasileiro entrevistou Zola. In: _____. *Naturalistas, parnasianos e decadistas: vida literária do realismo ao pré-modernismo*. Campinas: Editora da Unicamp, 1991, p. 166-70.

² *Letras francesas*, de 1969, é umas primeiras referências ao cronista no tratamento da literatura francesa. A obra traz a reunião dos artigos que Brito Broca escreveu no período em que contribuiu no "Suplemento Literário" do jornal *O Estado de S. Paulo*, de 1956 a 1961, ano de seu falecimento. As crônicas desse suplemento tinham como objetivo promover a divulgação da atualidade literária vivida na França daquela época. Reunidas em livro, servem como material para a análise do modo de apreensão do universo literário francês que chegava ao Brasil.

_____. *A vida literária no Brasil – 1900*. 5 ed. Rio de Janeiro: José Olympio: Academia Brasileira de Letras, 2005.

CANDIDO, A. Prefácio. In: BROCA, J. B. *Ensaio da mão canhestra: Cervantes, Goethe, Dostoiévski, Alencar, Coelho Netto, Pompeia*. São Paulo: Polis; Brasília: UNL, 1981, p.7-10.

MONTEIRO, T. *O Presidente Campos Sales na Europa*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1983.

SANTIAGO, S. Força Subterrânea - Prefácio. In: BROCA, J. B. *Machado de Assis e a Política: mais outros estudos*. São Paulo: Polis; Brasília: INL, Fundação Pró-Memória, 1983, p. 9-15.

WILLEMART, P. *Os processos de criação na escritura, na arte e na psicanálise*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

ARTIGO RECEBIDO EM 28/02/2013 E APROVADO EM 04/04/2013